

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

MORTE E VIDA NA *ENEIDA* *

No man is an Iland, intire of itself; every man is a peece of the Continent, a part of the main; if a Clod bee washed away by the Sea, Europe is the lesse, as well as if a Promontorie were, as well as if a Mannor of thy friends or of thine owne were; any mans death diminishes me, because I am involved in Mankinde; and therefore never send to know for whom the bell tolls; It tolls for thee.

JOHN DONNE

1. À MANEIRA DE PREÂMBULO

A vida tem fronteira com a morte. Nascer significa já morrer um pouco. É a dolorosa angústia de se estar vivo, a triste consciência de se ser humano. Nascer, viver, morrer — o percurso inapelavelmente traçado a todos e cada um.

A vida tem fronteira com a morte. E a morte?

A natureza que morreu, regressada ao húmus, à terra-mãe donde proveio, serve de alimento fecundo à nova vida desabrochante. E o ciclo repete-se: vida — morte — vida — morte — vida ... Natureza que se renova, duas realidades que se sucedem, que se completam.

A lei da sobrevivência no mundo animal impõe-se com maior crueza: as espécies mais fortes subsistem buscando alimento nas espécies mais fracas, que se reproduzem sem cessar, aparentemente com o único objectivo (condenação?) de morrerem para manterem a vida das primeiras. Um ciclo, em certa medida, como o vegetal.

Num plano mais vasto, já Heraclito afirmava que os quatro elementos em que assenta o Universo — a *Archê* — vivem da morte uns

* Versão reformulada de trabalho elaborado no âmbito de um seminário dedicado à epopeia virgiliana, do curso de mestrado em Literatura Neolatina em Portugal, da Faculdade de Letras de Coimbra (1983). O autor agradece ao Professor Doutor Walter de Medeiros as sugestões recebidas.

dos outros: o fogo vive da morte da terra, o ar alimenta-se da morte do fogo, a água subsiste da morte do ar e, por fim, a vida da terra assenta na morte da água¹. Também este um ciclo interminável de vida — morte — vida. E os atomistas renovavam, de algum modo, a crença neste ciclo, na sua teoria de que os átomos constitutivos do corpo se separavam no momento da morte para voltarem a reunir-se, de outra forma e com estrutura inteiramente diversa, num corpo novo.

Foi exactamente esta última concepção que obteve acolhimento entre alguns epicuristas, designadamente Lucrecio, apesar de afirmarem que a alma é mortal e que a vida — união íntima de uma alma e de um corpo — é finita²:

*Cedit item retro, de terra quod fuit ante,
in terras, et quod missumst ex aetheris oris,
id rursus caeli rellatum templa receptant.
Nec sic interemit mors res ut materiai
corpora conficiat, sed coetum dissipat ollis.
Inde aliis aliud coniungit, et efficit omnes
res ita conuertant formas mutentque colores,
et capiant sensus et puncto tempore reddant.*

(Lucrecio, 2.999-1006)

«À terra retorna de novo aquilo que, antes, da terra nasceu e o que foi emanado das regiões do éter o acolhem, uma vez mais devolvido, os pórticos celestes; e a morte não destrói as coisas a ponto de consumir os seus elementos, mas somente desagrega a união precedente. Em seguida, junta outros elementos em novas combinações e age de modo a que todas as coisas modifiquem a sua forma, alterem a cor e adquiram as sensações e as devolvam numa só fracção de segundo.»

A morte como passagem é também a perspectiva das religiões que professam a crença no além-túmulo: assim é para os cristãos,

¹ W. K. C. GUTHRIE, *A history of Greek philosophy*, vol. I, Cambridge, University Press, 1962, p. 453.

² Sobre esta concepção da mortalidade da alma e da finitude da vida entre os epicuristas, fórmula que permitiria a vitória sobre o preocupante medo da morte, veja-se, por exemplo, P. BOYANCÉ, *Lucrece et l'épicurisme*, Paris, P.U.F., 1963.

cómo o era já no Antigo Testamento, sobretudo nos livros mais tardios; assim também nos mistérios de Elêusis. E, nas concepções órficas e pitagóricas, o ciclo morte-vida repetia-se incessante: cada morte conduzia a novo nascimento, que levaria a outra morte, numa sucessão sem fim. São as teorias da metempsicose, de que Platão traça um belo exemplo no livro X da *República*, com o mito de Er, do qual se faz eco Virgílio, no livro VI da *Eneida*, com a palingénese das almas.

Os ritos fúnebres da antiguidade são o reflexo de tais crenças. Cabe aos vivos proporcionar aos mortos o simulacro de vida de que necessitam no Além; daí os jogos fúnebres (livro V da *Eneida* — pulsação de vida ofertada a Anquises), daí o riso nos funerais (comédias como *Hecyra* e *Adelphoe*, de Terêncio, foram representadas em cerimónias fúnebres), daí o sangue que Ulisses serve às sombras na catábase da *Odisseia*, para não falar em formas mais repugnantes à nossa mentalidade, como a que se conta no livro VIII da *Eneida*: Mezêncio torturava os súbditos grudando um homem vivo a um cadáver, para que a putrefacção se contaminasse, costume que, com outro objectivo, teria existido entre os Etruscos: assim se homenageava o falecido com um suplemento de vida.

Enfim, a morte de uns pode levar à vida dos outros. É o sacrifício humano, pouco vulgar entre Romanos e Gregos e que repugnava à mentalidade clássica (Ifigénia é caso praticamente isolado), a menos que alguém morra de livre vontade para benefício da comunidade, assim alcançando morte gloriosa (*deuotio*). Mas, ainda que repugnante, chegou a consumir-se, designadamente com prisioneiros de guerra. E o facto é que o sacrifício existe sempre que alguém perde a vida para salvação dos outros, mesmo que os deuses o não exijam — o que o torna ainda mais humano³.

Da vida à morte vai a distância de um momento. Da morte à vida pode o passo não ser mais longo. São as duas faces inseparáveis da realidade; por isso, tudo o que é humano ou ao homem se refere caminha de uma para a outra, da vida para a morte, ou da morte para a vida.

A *Eneida* é, antes de mais, uma história humana; é, pois, uma história de morte e de vida. Daí a leitura que tentará fazer-se nas

³ Cf. *The Oxford Classical Dictionary*, ed. de N. G. L. Hammond e H. H. Scullard, Oxford, Clarendon Press, 21970, s.uu. *sacrifice* e *deuotio*.

páginas seguintes. Poderá não ser a leitura que Virgílio fizesse do seu próprio poema, mas é, pelo menos, uma leitura possível, uma leitura que ele proporciona ao longo dos seus versos, onde o homem-poeta, o homem-personagem e o homem-leitor se angustiam permanentemente no refazer do ciclo eterno em que morrer e renascer mais não são do que certezas um do outro.

2. O CAMINHO DE ENEIAS — UM CAMINHO DE MORTE

Praesentemque uiris intentant omnia mortem (1.91)

Eneida — poema de morte? ou de esperança e de vida? Duas perguntas cada vez com maior insistência postas em confronto pela actualidade⁴. É que no caminhar do protagonista a morte parece assumir-se como condição fundamental⁵, como obsessão; a ela acabam por conduzir todos os caminhos — o da felicidade, como necessidade, o da desgraça, como libertação⁶. Mais do que isso, ela é a aspiração surpreendente do herói que, na viagem para o futuro (para a vida), somente tem voz e olhos para o passado (já morto), a frustração, enfim, de «um eleito que dir-se-ia condenado à insatisfação e ao espectáculo da morte»⁷.

Poderia ser, é certo, o estigma fatal da epopeia, narrativa de lutas e batalhas; mas — e aí a originalidade — morrer, na *Eneida*, mais do que o resultado de vitórias ou reveses militares, é o morrer do homem enquanto tal, simbolizado de modo arquétipo em cada uma das personagens do poema, sobretudo na personagem central.

Eneias chegou, por fim, ao Lácio, lutou pela fixação e venceu, lançou as sementes da futura Roma, levou a cabo a missão de que estava incumbido. Mas quantos ficaram pelo caminho? Quantos homens, mulheres, jovens deixaram os cadáveres a juncar a via percorrida? Quantos companheiros sucumbiram à mão do inimigo? Quantos seres humanos perderam a vida às mãos do próprio Eneias?

⁴ J. PERRET, "Optimisme et tragédie dans l'*Énéide*", *REL* 45 (1967) 342-343.

⁵ M. C. J. PUTNAM, *The poetry of the "Aeneid": four studies in imaginative unity and design*, Cambridge (Massachusetts), Harvard University Press, 1966, p. 66.

⁶ A. WANKENNE, "Le thème de la mort chez Virgile", *LEC* 19 (1951) 232.

⁷ W. S. MEDEIROS, "A outra face de Eneias", *Humanitas* 33/34 (1981-82) 90.

Há-de vir a desposar Lavínia, a fundar a nova civilização. Mas, quando olhar para trás, muitos mortos estarão a ensombrar o seu sucesso!... Desde o início da longa caminhada.

Logo no canto inaugural, Eneias, *fato profugus* (1.2), comanda apenas sobejos de vidas destroçadas:

1.30 *Troas, reliquias Danaum atque immitis Achilli*

«Troianos, restos dos Dánaos e do terrível Aquiles»⁸, em breve destroços, também, da fúria dos elementos, imagens da morte que desde Tróia os não deixara:

1.91 *Praesentemque uiris intentant omnia mortem*

«Por toda a parte se apresenta àqueles homens a imagem da morte.»

É então que o herói, para espanto de antigos e modernos, rejeita a vida, o encontro, todos os dias renovado, com a destruição e a ruína; quem lhe dera ter morrido em Tróia, na defesa gloriosa da pátria, e libertar-se da contemplação daquele espectáculo permanente:

1.94-101 *'O terque quaterque beati
quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis
contigit oppetere! O Danaum fortissime gentis,
Tydide, mene Iliacis occumbere campis
non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,
saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens
Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis
scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!*

«Oh três e quatro vezes ditosos aqueles que, diante dos olhos de seus pais, sob as altas muralhas de Tróia, a sorte concedeu que baqueassem! Ó tu, que foste o mais bravo da estirpe dos Dánaos, filho de Tideu! Ah, porque é que eu não pude tombar nos campos de Ílio e exalar esta alma sob os golpes da tua mão,

⁸ Salvo os casos referenciados em nota, a tradução é da responsabilidade do autor.

lá onde, indomável, jaz, abatido pelo dardo do Eácida, Heitor; lá onde <jaz> o gigantesco Sarpédon; lá onde o Símois arrasta e revolve, em suas águas, tantos escudos de heróis e os seus capacetes e os seus corpos poderosos!»⁹

Nem mesmo os rogos de Vénus hão-de evitar que sobre a sua cabeça continue a abater-se a desgraça. Daí as palavras de desânimo, insistentemente repetidas nos momentos em que o passado — para sempre perdido, mas sempre buscado — ganha contornos mais nítidos, como em Cartago, ao contemplar nas paredes do templo a representação plástica da ruína da pátria; a desolação tem aí a pungência da dor humana:

1.462 '*Sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt.*'

«Há lágrimas para o infortúnio e o destino dos mortais comove os corações!»¹⁰

A consciência da morte, da destruição do passado, ali estava, a tornar ilusória a esperança de vida que em breve iria surgir. Dido aparece no momento em que Eneias contempla o retrato de Pentesileia, a ferosa amazona que acudira a Tróia e fora morta por Aquiles. A associação é instintiva — Dido é Pentesileia; é, também ela, uma condenada.

Todo o livro II é uma imagem tenebrosa, de destruição, aqui e ali iluminada pelo clarão de alguns sonhos ou encontros premonitórios; mas, mesmo estes, contêm sombras que mais adensam o negrume.

É a noite troiana, portadora da primeira grande mortandade do poema. Já antes tinham caído Laocoonte e os filhos. Começam agora a tombar as vítimas do logro levado a cabo por Sinão. *Caeduntur uigiles* (2.266) — as sentinelas são liquidadas —, as primeiras mortes em noite de carnificina.

Heitor, que aparece ao herói na figura de cadáver estropiado em que o deixara Aquiles, é ele próprio o retrato de Tróia, irremediavelmente perdida; as suas palavras, se contêm um raio de esperança na cidade nova, são também o epitáfio da velha cidade. Ao ver

⁹ Tradução de Walter de Medeiros.

¹⁰ Tradução de W. M.

a pátria em chamas, Eneias reage, pela primeira vez, com o desejo de morrer:

'pulchrumque mori succurrit in armis'
 «é ocorre-me como é belo morrer de armas na mão'.»

O encontro com Panto, o sacerdote de Apolo que buscava refúgio para os Penates e seu neto, confirma o epitáfio traçado por Heitor:

2.324-326 *'Venit summa dies et ineluctabile tempus
 Dardaniae. Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens
 gloria Teucrorum.'*

«Chegou o dia supremo e a hora inexorável de Dardânia. Extinguiram-se os Troianos, extinguiu-se Ílio e a imensa glória dos Teucros.»

A reacção repete-se. Com um punhado de jovens, o herói lança-se no meio dos combates, busca na morte a última réstia de vida, única resposta do desesperado:

2.353-354 *'Moriatur et in media arma ruamus.
 Vna salus uictis nullam sperare salutem.'*

«Morramos, lançando-nos no meio das armas! Só há uma salvação para os vencidos: não esperarem nenhuma salvação.»¹¹

Logo ele mesmo se apercebe de quão verdadeiras eram as palavras de Heitor e de Panto:

2.363 *'Urbs antiqua ruit multos dominata per annos.'*

«A cidade antiga desmorona-se, depois de ter reinado por muitos anos.»

Nestes primeiros recontros, muitos são os que sucumbem, de um e outro lado. A senda do guerreiro troiano fica desde o início manchada de corpos de amigos e inimigos. A imagem é desoladora:

2.368-369 *'Crudelis ubique
 luctus, ubique pavor et plurima mortis imago.'*

«Por toda a parte <se estende>, cruel, o luto, por toda a parte o pavor e as mil faces da morte.»

¹¹ Tradução de W. M.

Na ilha dos Ciclopes, Aqueménides e Polifemo são os componentes de novo quadro de ruína; neles se evocam os marinheiros perdidos por Ulisses em viagem semelhante à de Eneias e seus homens.

Por fim a dolorosa morte de Anquíses, pai e guia desde a primeira hora. Até que, entregue a si mesmo, o herói aporta às praias da próxima vítima do seu destino implacável — Dido.

A esperança renascida em Cartago é apenas ilusória; a paixão é sedativo, não panacea, somente provoca letargia. E dessa letargia o despertar é sempre mais doloroso.

Quando ali chega, Eneias alimenta-se ainda das sombras de uma Tróia já morta, perdida no passado. É como troiano que se apresenta a Vénus quando, em figura de caçadora, ela lhe aparece:

1.375-377 *'Nos Troia antiqua, si uestras forte per auris
Troiae nomen iit, diuersa per aequora uectos
forte sua Libycis tempestas appulit oris'*.

«É da antiga Tróia, se é que aos teus ouvidos chegou o nome de Tróia, que, arrastados por marés desencontradas, uma tempestade nos impeliu, por acaso, para as praias líbias.»

E é a olhar a imagem da destruição de Tróia, pintada no templo, que alimenta, para repouso do coração, uma nova réstia de esperança:

1.463-464 *'Solue metus; feret haec aliquam tibi fama salutem.'
Sic ait atque animum pictura pascit inani.*

«Apaga o teu temor. A nossa fama, ainda presente, te há-de trazer de algum modo a salvação.»

Assim fala e vai pascendo o coração naquela pintura vã.»

Precisamente nesse passado morto, que lhe confere, de certa forma, uma vida sem substância ¹⁵, é que Dido se apaixona por Eneias, amando nele o vencido que o herói não pode ser. O canto trágico o deixa perceber desde o início:

4.3-4 *Multa uiri uirtus animo multusque recursat
gentis honos.*

«A alta coragem daquele homem e a alta linhagem da sua estirpe acodem repetidas vezes ao seu espírito.»

¹⁵ DI CESARE, 14.

E a própria rainha o afirma a Ana, sua irmã e confidente:

4.13-14 *‘Heu, quibus ille
iactatus fatis! quae bella exhausta canebat!’*

«‘Oh, por que fados tem sido acochado este homem! Que combates sem tréguas ele cantava!’»

Nesse erro reside a tragédia de Dido: em querer fundir no presente o passado e o futuro. Ela ama Eneias naquilo que nele é morte (Tróia); ao querer projectar esse amor no futuro, age contra o *fatum*; assim caminha para a não-substância; e essa via só tem uma saída — fatal.

Por outro lado, neste momento em que parece renascer a esperança de vida — ironia do destino! —, a morte é o que mais avulta entre o que une as duas personagens: o abandono da pátria, irremediavelmente perdida no passado, destruída, no caso de Tróia, usurpada, no de Tiro (uma certa forma de morte), a perda de um ente querido (Creúsa, Siqueu). Talvez por isso, como fez notar Di Cesare, *mors* e *mori* funcionam como autêntico refrão ao longo de todo o livro IV, nas palavras de Dido e em alusões que, directa ou indirectamente, lhe são feitas ¹⁶.

A tragédia da rainha cartaginesa era, portanto, inevitável; a sua infelicidade provinha do facto de dois destinos (o seu e o do guerreiro troiano e pai de Roma) se terem cruzado; como acontecerá com Turno. Este enlace não pode deixar de ser fatal: ou repudiam ambos os seus passados, para unirem presentes e futuros, e existe conflito insanável — com os deuses, com o *fatum*; ou agem contra o destino, buscando no presente a fusão dos passados — e é a morte. Dido escolheu a segunda via: não podia encontrar saída diferente.

É certo que outros factores intervieram no processo: duas deusas, Vénus e Juno, são parte activa. A primeira simbolizará os interesses da futura Roma, a segunda o nacionalismo cartaginês ¹⁷; de alguma forma, também, a luz (a vida) e a sombra (a morte) na história romana. E, nesse sentido, a morte da rainha representa um sacrifício por razões políticas ¹⁸. Mas esse facto não atenua as negras cores da tragédia.

¹⁶ IDEM, *ibidem*, 25.

¹⁷ Realce-se a ambiguidade de agir de ambas as divindades.

¹⁸ P. J. ENK, “La tragédie de Didon”, *Latomus* 16 (1957) 632.

Passados os momentos de letargia, Eneias é acordado por Mercúrio para as dores da realidade; há que partir de novo, há que sacrificar, uma vez mais, um pouco de si mesmo, há que quebrar a esperança, porque ilusória, é forçoso deixar mais um cadáver no seu caminho. Porque essa é outra diferença que separa os dois amantes: ele vê morrer, a cada passo, uma parte de si e sobrevive, encontra ainda uma réstia de vida a que consegue agarrar-se; ela é incapaz de sobreviver uma vez mais à perda daquilo que é já parte dela mesma — Eneias — e morre. Dido buscará, pois, na morte a felicidade: não viver acaba por ser a melhor sorte.¹⁹ Ou a menos má.

Do amor ao ódio, porém, o passo é breve; como da vida à morte. E o ódio gera vingança, uma certa forma de projectar a morte na vida. O suicídio é, em si mesmo, uma forma de vingança²⁰; consciente dessa terrível verdade, Dido o afirma a Eneias no derradeiro encontro entre ambos: «morrerei, sim, mas para te perseguir como uma sombra, para viver como entidade maléfica que não mais te deixará»:

4.384-386 *'Sequar atris ignibus absens
et, cum frigida mors anima seduxerit artus,
omnibus umbra locis adero. Dabis, improbe, poenas.'*

«Mesmo ausente eu te hei-de perseguir com chamas de negrume e, quando a morte gélida tiver arrancado a alma a este corpo, por toda a parte como sombra te hei-de acompanhar. Tu hás-de sofrer, miserável, o castigo que mereces.»

Ameaça que se repete no momento fatal, quando o sacrifício supremo está prestes a pôr termo ao ritual de magia que visa conseguir a maldição sobre Eneias e a sua raça, simbolizados na *effigies* do Troiano²¹; a projecção da morte da rainha na vida do herói que a abandona manifesta-se claramente na profecia pressaga (que o leitor de Virgílio não podia dissociar de Aníbal):

4.625-627 *'Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor
qui face Dardanios ferroque sequare colonos,
nunc, olim, quocumque dabunt se tempore uires.'*

¹⁹ W. S. MAGUINNESS, "L'inspiration tragique de l'*Énéide*", *AC* 32 (1963) 489.

²⁰ A. M. TUPET, "Didon magicienne", *REL* 48 (1970) 247.

²¹ IDEM, *ibidem*, 247.

«Nasce, quem quer que sejas, de entre os meus ossos, vingador que a ferro e fogo hás-de perseguir os colonos dardânios! Agora, depois, a qualquer momento em que as forças sobrevenham!»

«Nasce de entre os meus ossos!» As cinzas da morte de Dido volem-se em fonte de vida, da vingança renasce para o futuro ... o espectro da morte.

Nos instantes finais, o coração já só tem lugar para o ódio; Eneias, na voz angustiada da rainha que diz desesperadamente adeus à vida, é agora o «Dardânio», é, ao mesmo tempo, o passado (de morte) donde vem e o futuro (de vida) para onde caminha; na evocação desse nome ela abomina, em simultâneo, o que nele amou e o que dela o arrancou:

4.660-662 *'Sic, sic iuuat ire sub umbras.
Hauriat hunc oculis ignem crudelis ab alto
Dardanus, et nostrae secum ferat omina mortis.'*

«É assim, é assim que me agrada descer ao mundo das sombras. Que mergulhe os olhos nestas chamas, lá no mar alto, o cruel Dardânio e leve consigo o presságio da minha morte.»

Ameaça terrível? Sim. Mas as palavras de Dido deixam ficar ainda uma ponta de esperança: é que, enquanto Dardânio, ele navega em busca dessa parte de si próprio, o seu futuro, ao mesmo tempo que, na pira, arde o passado que ela quis: as *Iliacas uestes*, as *dulces exuiiae*, a espada, que fora *munus* do amado²².

O herói volta a partir, deixando atrás de si mais um cadáver a atapetar o chão que pisou. Ao olhar para terra, já longe das praias de Cartago, vê no ar o fumo da pira onde a rainha acaba de imolar-se:

5.1-4 *Interea medium Aeneas iam classe tenebat
certus iter fluctusque atros Aquilone secabat
moenia respiciens quae iam infelicis Elissae
conlucent flammis.*

«Entretanto Eneias, no alto mar, mantinha firme a rota da sua armada e sulcava as ondas enegrecidas pelo Aquilão, olhando as muralhas que resplandecem já com as chamas da infeliz Elissa.»

²² DI CESARE, 27.

Ao deixar Cartago, Eneias leva no olhar uma imagem de chamas e de morte; como as chamas de Tróia destruída que tem de sepultar no passado.

E prossegue a viagem. Depois dos jogos fúnebres em honra de Anquises (canto V), é o momento de descer ao reino dos mortos, de visitar, pela última vez, o passado perdido, mas também o momento em que o herói dará início à sua projecção no futuro, libertando-se dos mortos que é forçoso deixar entregues para sempre à sepultura.

Desde o início deparamos com rostos de outrora, defuntos de um tempo irrecuperável. Nas esculturas do templo de Cumas, Androgeu e as vítimas do Minotauro, Ícaro, vidas ceifadas na flor da juventude, lembram o triste tributo pago pela insânia humana.

Na fronteira da vida está a morte. Um só passo basta para a alcançar. O retorno, porém, é quase impossível. É a Sibila, guia de Eneias no Além, que disso o previne:

6.126-129 *'facilis descensus Averno:
noctes atque dies patet atri ianua Ditis;
sed reuocare gradum superasque euadere ad auras,
hoc opus, hic labor est.'*

«é fácil a descida ao Averno; noite e dia se encontra aberta a porta do sombrio Dite; mas retroceder e escapar-se para as brisas do alto, essa é a dificuldade, essa a canseira.»

Morre Miseno para que Eneias possa entrar. Desfilam os mortos do passado (Palinuro, Dido, Deífobo) e os do futuro, passado do poeta (Catilina, Pompeio, César e tantos outros). E, no meio das sombras do Inferno, lateja ainda a aspiração da morte quando o herói, angustiado, se mostra incapaz de compreender a sede de vida por parte das almas que aguardam o regresso ao terrível mundo da existência na terra:

6.721 *'Quae lucis miseris tam dira cupido?'*

«Porquê, nesses desventurados, um almejo tão sinistro da luz?»²³

Anquises, agora dotado de voz de profeta, faz passar diante dos olhos do filho as glórias da Roma vindoura, que esperam no Elísio

²³ Tradução de W. M.

a sua hora. São momentos de luz, de esperança, de futuro, é a nova vida. Será, finalmente, possível a felicidade total? Ali está Marcelo a negá-lo, a treva na luz, a morte na vida, a garantia de que tudo é finito, a prefiguração de Palante, de Lauso, de Eurialo, de Camila, da morte na pujança da vitalidade. Passavam as futuras glórias nacionais quando a figura surgiu, sinistra:

6.865-866

*'Quantum instar in ipso!**Sed nox atra caput tristi circumuolat umbra.'*

«Que majestade no seu porte! Mas uma noite negra paira a envolver-lhe a cabeça de sombra sinistra!»

À curiosidade do filho, a resposta de Anquises, em invocação a Marcelo, é o dramático despertar de um sonho de curta duração:

6.882-886

*'Heu, miserande puer, si qua fata aspera rumpas,
tu Marcellus eris. Manibus date lilia plenis,
purpureos spargam flores animamque nepotis
his saltem accumulem donis, et fungar inani
munere.'*

«Ai, jovem desventurado, se de algum modo puderes vencer a crueza dos fados, tu serás Marcelo! Ofertai lírios às mãos-cheias, deixai que espalhe flores rutilantes, e a alma do meu neto eu a recubra, ao menos, destas dádivas... E assim lhe preste uma homenagem — vã.»²⁴

Os Troianos estão, enfim, na terra prometida, mas não no final do seu percurso. Espera-os uma paisagem funesta de ruína, dissera-o a Sibila²⁵. Repete-o o poeta, ao abrir com palavras pressagas a segunda parte do seu canto, que anuncia pejada de guerras e mortandades:

7.43-44

*Maior rerum mihi nascitur ordo;
maius opus moueo.*

«Mais grandiosa é a cadeia de factos que diante de meus olhos vai nascendo; mais grandiosa a obra a que me estou a abançar.»

Para o poeta da condição humana, mais grandioso é o canto da morte que o da vida!

²⁴ Tradução de W. M.

²⁵ 6.86-87.

O sangue começa a correr. O pecado inconsciente de Ascânio, que atinge um veado sagrado para os pastores itálicos, desencadeia as primeiras vítimas. O terreno fica pronto para a sementeira de cadáveres que vão ensombrar a vitória vaticinada a Eneias. Ele mesmo o pressente, ao receber do céu, da parte de sua mãe, o sinal esperado, a garantia de que o triunfo final virá a pertencer-lhe:

8.537-540 *'Heu quantae miseris caedes Laurentibus instant!
quas poenas mihi, Turne, dabis! quam multa sub undas
scuta uirum galeasque et fortia corpora uolues,
Thybri pater!'*

«Oh que tremenda mortandade ameaça os desgraçados Laurentos! Que castigo, ó Turno, tu vais sofrer da minha parte! Nas tuas ondas, quantos escudos e armaduras e corpos de homens valentes tu vais revolver, ó Tibre venerando!»

Entretanto, durante a ausência do herói em Palanteu, o rosto mortífero da guerra revela as suas cruéis feições. Niso e Eurialo, portadores de mensagem para Eneias, fazem tremenda chacina nas hostes adversárias, enquanto furam o cerco em torno da fortificação. Mas a sede de glória que os levou a matar obriga-os ao pagamento de bem alto preço — a sua própria cabeça. E de pouco vale a Niso querer dar a vida pelo companheiro; a loucura, cometida por ambos, por ambos tem de ser paga.

O ataque rútilo não se faz esperar e aumenta o rol de mortes, de parte a parte. Turno consegue penetrar na cerca pela porta desguarnecida e acumula dezoito cadáveres sob os seus golpes.

Só então Eneias regressa para junto dos seus. Na popa do navio em que viaja, o poeta compara-o a cometas cor de sangue ou a Sírio no ardor da canícula: cometas, fonte de desgraça na imaginação popular; canícula, portadora de males sem conto. Também ele irá sulcar de novo um caminho de cadáveres.

De ambos os lados o sangue escorre; a chacina é imensa:

10.429-430 *Sternitur Arcadiae proles, sternuntur Etrusci
et uos, o Grais imperdita corpora, Teucri.*

«Caem os filhos da Arcádia, caem Etruscos e vós, corpos escapados aos Gregos, ó Teucros.»

O jovem Palante, a despeito da tenra idade, assinava com a sua espada muitas dessas mortes. Uma tal ousadia atrai sobre ele o olhar de Turno, que não perdoava a Evandro a ajuda prestada aos Troianos. Contra ele avança; os minutos do jovem estão contados. Mas, antes de ser abatido, Palante ainda grita na cara de Turno a pequenez da morte em relação à glória com ela alcançada:

10.449-450 *'Aut spoliis ego iam raptis laudabor opimis
aut leto insigni'*

«Hei-de alcançar a glória, ou pelos ricos despojos já arrancados ou por uma morte assinalável.»

Era a concepção do herói do passado homérico, que Eneias (e Virgílio) nunca seria capaz de assumir.

A desproporção dos contendores ditava de antemão o desfecho do combate; o jovem aguerrido sucumbe aos golpes do chefe rútilo:

10.487 *una eademque uia sanguis animusque sequuntur.*

«um só e o mesmo caminho seguem sangue e alma.»

Mais um dos entes queridos de Eneias ali fica prostrado, a manchar de sangue o rasto dos seus passos. Mal sabia Evandro que o verdadeiro perigo lhe vinha de um amigo aparente, cuja chegada conduziria à destruição a sua comunidade, simbolizada na queda de Palante²⁶. E, no entanto, este era, desde o início, portador dessa imagem sangrenta: o seu escudo representava a morte dos Egípcios pelas Danaides na noite de núpcias; as núpcias, fonte de vida, pintadas com as cores da morte; era a oferenda de sangue trazida para as bodas de Lavínia e Eneias, já de si também sangrentas, segundo anunciava Juno:

7.317-319 *'Hac gener atque socer coeant mercede suorum:
sanguine Troiano et Rutulo dotabere, uirgo,
et Bellona manet te pronuba.'*

«Que genro e sogro se associem no pagamento deste tributo dos seus homens: de sangue de troianos e rútilos será o teu dote, donzela, e Belona ficará a presidir às tuas núpcias.»

²⁶ D. S. WIESEN, "The pessimism of the eighth *Aeneid*", *Latomus* 32 (1973) 754.

O furor volta a apoderar-se do chefe troiano: selecciona quatro (oito, segundo outros — o passo é duvidoso) prisioneiros rútilos para os sacrificar aos manes de Palante, prática considerada bárbara pelos Romanos. Mais uma vez a cegueira da ira toldava aquele espírito, como se não bastassem os mortos que, por força da guerra, vinham ornando os seus troféus de vencedor. O Romano da *pax Augusta* sabia que essa fora também a senda percorrida pelo seu imperador — a senda da morte, impiedosa, por vezes, brutal, também ²⁷.

Mas o sacrifício não lhe basta: o herói teima em levar mais longe a sua fúria. As mortes sucedem-se a um ritmo vertiginoso, o ritmo próprio da morte. Apenas uma via parece abrir-se ao homem — a da carnificina. E nessa via cabe a Eneias a dianteira, por alguns instantes:

10.662 *obuia multa uirum demittit corpora morti*

«de entre os que se lhe deparam, muitos são os corpos de guerreiros que envia para o mundo da morte.»

Até mesmo o anti-Eneias, o Aquiles do Lácio, Turno, herói maldito, que luta com denodo pela destruição dos Troianos, até mesmo ele sofre a tentação que o faz, como, antes, o seu adversário, aspirar à morte. Juno levara-o a perseguir o fantasma do inimigo até ao interior de um barco, que logo parte e o leva, sem glória, para longe do combate. Ao ver-se traído, Turno prefere a morte à vergonha da salvação com aparência de fuga:

10.675-678 *‘Quid ago? aut quae iam satis ima dehiscat
terra mihi? Vos o potius miserescite, uenti;
in rupes, in saxa (uolens uos Turnus adoro)
ferte ratem saeuisque uadis immittite syrtis,
quo neque me Rutuli nec conscia fama sequatur.’*

«Que hei-de fazer? Que terra será já bastante para me engolir nas suas profundezas? Vós, ao menos, ó ventos, tende

²⁷ «O vencedor, como se quisesse renovar a prática bárbara dos sacrifícios humanos, mandou degolar, votados aos manes de César, trezentos membros da aristocracia perusina. E aos condenados, que lhe suplicavam piedade, respondia: «Têm de morrer!» Este vencedor assassino chamava-se Octávio, e seria Augusto, o árbitro da *pax Romana*.» (MEDEIROS, 82).

piedade de mim! Contra penhascos, contra penedos (é de livre vontade que eu, Turno, vos imploro) atirai este navio; pegai nele e precipitai-o nos escolhos terríveis de profundos abismos, aonde me não sigam os Rútulos nem a consciência da vergonha!»

No coração da peleja a luta continua, encarniçada. Mortes que atraem novas mortes, numa via sangrenta onde o fim se não vislumbra. As cores do luto alastram. Apesar das tentativas pacificadoras de Latino, o livro XI não traz ainda a solução. Reacesos os combates, a desoladora imagem persiste:

11.631-635 *Tertia sed postquam congressi in proelia totas
implicuere inter se acies legitque uirum uir,
tum uero et gemitus morientum et sanguine in alto
armaque corporaque et permixti caede uirorum
semianimes uoluntur equi, pugna aspera surgit.*

«Mas depois que, reunidos para um terceiro assalto, envolveram entre si, em toda a linha, os esquadrões e cada homem escolheu o seu homem, nesse mesmo instante <elevam-se> os gemidos dos que vão morrendo e em rios de sangue revolvem-se armas e corpos e cavalos moribundos, misturados na chacina dos homens; a aspereza dos combates reacende-se.»

É a vez de nova *aristeia*, a de Camila, a personagem feminina de criação quase exclusiva de Virgílio, cheia de graciosidade, desprendida e ferosa como uma verdadeira amazona; com as marcas de donzela contrasta o ardor de guerreira, que desperta o grito angustiado do poeta, seu criador:

11.664-665 *Quem telo primum, quem postremum, aspera uirgo,
deicis? aut quot humi morientia corpora fundis?*

«Sob o teu dardo, qual é o primeiro, qual o último, ó cruel donzela, que tu abates? Quantos corpos moribundos tu espalhas sobre o solo?»

São treze os homens que caem aos golpes da amazona, até que Arrunte, que há largo tempo a espreitava, consegue alvejá-la e abatê-la. Também ela, depois de visivelmente ter alcançado as simpatias do

poeta desde o primeiro momento, ali fica a manchar a terra de que Eneias será rei. Rei por cima de uma sementeira de cadáveres. Sugestivamente, o verso que narra o último suspiro da jovem é o mesmo que, no final do poema, gritará a revolta da alma de Turno a esvair-se do corpo, grito que é bem o símbolo da revolta de todos os que morreram no percurso do herói troiano:

11.831 *uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras.*

Evitado, uma vez mais, o duelo entre Turno e Eneias, violadas de novo as tréguas, a praia volta a ter as cores do sangue derramado por tantas vítimas:

12.339-340 *spargit rapida ungula rores
sanguineos mixtaque cruor calcatur harena.*

«a rapidez dos cascos semeia lágrimas sangrentas e é misturada com sangue que se espezinha a areia.»

É desolador, mas não suficiente. Alguns passos ainda Eneias terá de caminhar na via que o levará à vitória. É um troço curto, mas que tem de ser, como os outros, atapetado de cadáveres à passagem do herói. São vinte e sete os mortos que caem nos últimos recontros, a maior parte deles às mãos de Eneias e de Turno.

Agora, sim, está apenas a dois passos do triunfo. Dois passos ... dois mortos. A rainha dos Laurentos, Amata, bastião do rei rútilo dentro do palácio de Latino, sente a desmoronar-se a sua causa e escolhe a via do suicídio. Como Dido, também ela não resiste à perda de um pouco mais de si própria: o genro desejado, Turno, para as sombras da derrota, talvez até da morte; a filha, Lavínia, para as mãos de um estrangeiro, abominado desde o início.

Eneias casará com Lavínia, o Fado o destinou de há muito, mas por cima do cadáver da própria mãe da noiva. Um mais, a juntar a tantos que até então somara. Mas não o último.

Sairá vencedor, sabemos-lo há muito. O livro XII deixava a impressão, desde o começo, de que Turno teria de lutar até à morte ²⁸.

²⁸ «Comment pourrait-il reconnaître lui-même que dans un combat d'homme à homme il n'aurait aucune chance devant Énée? Qui sait si les dieux ont dit leur dernier mot? La dure condition de l'homme est qu'il ne peut explorer leur volonté qu'en luttant lui-même jusqu'au bout, jusqu'à la mort inclusivement.» (J. PERRET, *Virgile — Énéide*, Paris, Les Belles Lettres, 1980, *com. ad loc.*).

Porque é de morte a imagem que vai ficar desta Itália banhada em sangue. Sabe-o o leitor; e sabe-o também Turno, finalmente, depois de Juturna, pela derradeira vez, o ter conseguido afastar — em vão — do campo de batalha. São dele mesmo as trágicas palavras que abrem a porta à fase final da epopeia; renunciando à ajuda da irmã, decidido a enfrentar o duelo — e a morte — diz:

12.641-642 *'Occidit infelix ne nostrum dedecus Vfens aspiceret.'*

«Morreu em desventura, para não ver a nossa ruína, Ufente.»

Ufente morreu para não levar no olhar, como Príamo, a imagem de destruição que se prepara e que será a imagem final do poema.

Nos últimos momentos, a mão do herói desfere o golpe final, inútil, que abate um Turno prostrado, já irremediavelmente vencido. O último degrau de Eneias antes do altar da vitória.

Ele nunca pediu o triunfo. Fechou, enquanto foi capaz, os olhos ao futuro. Chegou a recusar a vida. Ousou desejar veementemente a morte. E, no entanto, viveu. Deixando atrás de si inúmeras mortes para que ele atingisse a vida que não pedira. Muitos cadáveres lhe sulcam o caminho do êxito. Mas não o seu, apesar de o ter desejado. Estranho triunfo, estranho herói!

3. DA MORTE À VIDA (OU O PREÇO PAGO PELA VIDA)

Tantae molis erat Romanam condere gentem! (1.33)

Tão alto era o preço da fundação da nova raça!

A *Eneida* canta o nascimento de um novo povo, de um novo império ... a partir das cinzas de um outro povo, de um outro império. Canta o nascimento de um homem novo ... a partir da morte dele mesmo. Cantando vitórias, triunfos, sucessos, a *Eneida* canta também a ruína, as perdas, a morte em que assentam. Um nascimento precedido da morte. Porque nascer é também morrer um pouco.

Este tema (morrer e renascer) constitui, aliás, uma constante na obra virgiliana²⁹. O centro do edifício bucólico é ocupado pela

²⁹ S. COMMAGER, "Introduction" a *Virgil*, ed. S. COMMAGER, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1966, p. 1.

morte e apoteose de Dáfnis, isto é, de César, o morrer e renascer para uma nova vida (*Buc.* 5). As *Geórgicas* cantam a morte e o renascimento depois da destruição e terminam, significativamente, com o epílio de Aristeu, onde uma vida nasce do sacrifício de outras ³⁰.

Na *Eneida* caminha-se também para o futuro, para a vida, percurso que só é possível através da morte. Morrer — renascer, um ciclo que se repete, nos impérios e nos homens.

A história da *Eneida* é também a história do nascer de uma nova cidade, de uma nova civilização — sobre as cinzas de outras, que adubaram o seu crescimento. Porque, como os regimes políticos na *República* de Platão, um império cresce sempre das cinzas de outro império.

Por isso, desde o início do poema é anunciado que uma das cidades condenadas é Cartago, aonde Eneias em breve vai aportar. Será reduzida a cinzas, para que outro império se acrescente; e este — o romano — nasceu já do sangue de um outro, do sangue troiano. Juno o sabe de há muito:

1.19-22 *Progeniem sed enim Troiano a sanguine duci
audierat Tyrias olim quae uerteret arces;
hinc populum late regem belloque superbum
uenturum excidio Lybiae: sic uoluere Parcas.*

«Mas uma raça viria do sangue troiano, que havia de destruir os muros tírios, ouvira ele dizê-lo; e que, desta estirpe, um povo, rei de largos domínios e insuperável na guerra, viria para destruição da Líbia: assim o teceram as Parcas.»

Tróia cai, no livro II, quando Príamo morre.

Porém, para aniquilar uma cidade, não é suficiente que se destruam os seus edifícios, que se incendeiem as suas casas, que se arrasem as suas muralhas. É também necessário matá-la no coração dos sobreviventes. Essa morte, mais difícil, é mais demorada. Do princípio ao fim da *Eneida* vai decorrendo, lento e moroso, este processo. Cada livro mata, no coração de Eneias e dos seus companheiros, um resto da sua pátria. Mas outro resto sobrevive — até à aniquilação final.

³⁰ IDEM, *ibidem*, p. 4.

Entretanto, outras cidades vão engrossando as sementes do nascimento de Roma: além das chamas de Cartago, simbolizadas na pira onde arde o corpo de Dido, as civilizações representadas no escudo de Eneias, vergadas ao poderio romano, submetidas ao governo de Augusto; por fim, de alguma maneira, os povos subjugados do Lácio, a quem o destino de Eneias trouxe a destruição: Rútulos, Laurentos, Etruscos:

12.838-839 *'Hinc genus Ausonio mixtum quod sanguine surget
..... uidebis'*

«Verás uma raça que, mesclada de sangue ausónio, daqui há-de surgir.»

A futura Roma sairá da fusão do sangue troiano com o sangue itálico. E na fusão morre sempre uma parte de cada um dos componentes.

Tróia, já materialmente destruída, tem então de morrer, em definitivo:

12.826-828 *'Sit Latium, sint Albani per saecula reges,
sit Romana potens Itala uirtute propago;
occidit occideritque sinas cum nomine Troia.'*

«Haja um Lácio, haja pelos tempos fora reis albanos, haja uma raça romana, fortalecida pelo valor da Itália: Tróia morreu; e consente que morra, com o seu nome, Tróia.»

Mas não são apenas os impérios que são sacrificados.

Os Romanos não aceitavam o sacrifício humano. Era acto que lhes repugnava. Quando muito, imolavam simulacros, *effigies*, como a de Eneias que ardeu na pira de Dido. Deve, pois, calcular-se a repulsa do Romano perante as vítimas de Octávio, a sangue frio, no decorrer da guerra de Perúsia, votadas aos manes de César. Ou perante o gesto de Eneias, em momento de furor, quando sacrificou guerreiros inimigos aos manes de Palante. Em ambos os casos, o mesmo gesto: bárbaro, assassino.

E, no entanto, quantos homens foram sacrificados para Eneias atingir o triunfo, mortes exigidas como condição de vida!

A ideia de sacrifício está, desde logo, na base de toda a teia em que Sinão é protagonista, urdida com o fim de iludir os Troianos. Sinão teria fugido para não ser sacrificado como Ifigénia:

2.116-119 *'Sanguine placastis uentos et uirgine caesa
cum primum Iliacas, Danaï, uenistis ad oras:
sanguine quaerendi reditus animaque litandum
Argolica.'*

«Foi por meio de sangue que aplacastes os ventos e por meio da imolação de uma donzela, no momento em que vós, ó Dánaos, vos encaminhastes para estas praias ilíacas; é por meio do sangue que haveis de alcançar o regresso e pelo sacrifício de uma alma argólica.»

Palavras falsas, é certo, mas que surtiram o efeito desejado; os Troianos deram guarida à vítima, assim ditando a destruição de si próprios. Mas, se o plano falhasse, o astuto grego seria, de facto, uma vítima a sacrificar.

Isso não aconteceu. Sinão escapou com vida, o plano resultou. Mas alguém teve de ocupar o lugar da vítima — Laocoonte e seus filhos. O sacerdote de Neptuno erguera a voz de desconfiança em relação ao cavalo; é agora imolado, ironicamente no momento em que ele próprio procedia a um sacrifício. Poderá falar-se de violação, mas a sua morte dá, simbolicamente, início à ruína da cidade; ao sucumbir, Laocoonte é augúrio de destruição, de morte. Mas também de vida. Poderá ser vítima propiciatória, poderá ser objecto de acção punitiva. Essa punição, no entanto, ou o sinal com ela confundido, não reproduz mais que a ambiguidade da queda de Tróia³¹. Cinzas que irão alimentar a Grécia? Morte que está na base do nascimento da nova civilização, a Tróia do futuro, Roma? De uma forma ou de outra, a morte de Laocoonte é, de algum modo, condição de vida.

Não ficam por aqui os sacrifícios neste livro de que eles constituem, por assim dizer, a base³².

Todo ele é um canto de morte e de vida. Morrem uns, para que outros vivam — um ciclo que se revela nas suas cores mais cruas.

³¹ B. OTIS, *Virgil: a study in civilized poetry*, Oxford, Oxford University Press, 1966, p. 48.

³² E. L. HARRISON, "Divine action in *Aeneid* book two", *Phoenix* 24 (1970) 328.

Talvez por isso (trágica ironia!) o cavalo portador da morte é recolhido dentro das muralhas com festas, manifestações de vitalidade:

2.248-249 *'Nos delubra deum miseri, quibus ultimus esset
ille dies, festa uelamus fronde per urbem.'*

«E fomos nós — desgraçados para quem seria aquele o último dia — que cobrimos os templos dos deuses de verdura festiva por toda a cidade.»

O ataque é desencadeado. No meio da luta, Corebo tomba na tentativa de salvar Cassandra — a morte a troco da vida — (2.407 ss.); tentativa vã, transformada em imolação, ali mesmo, junto a um altar:

*'diuae armipotentis ad aram
procumbit.'*

«Aos pés do altar da deusa senhora da guerra ele sucumbe.»

Como Príamo, também ele imolado junto ao altar central do palácio, um pouco mais tarde.

Entretanto, só depois de Vénus lhe ter mostrado os deuses a intervir na queda da cidade, o herói aceita o seu destino: partir. Mas Anquises recusa, precisa de um sinal mais evidente. Surgem, então, à volta da cabeça de Ascânio, chamas que o não molestam. É o sinal desejado. O fogo, que tão activamente age na destruição da cidade, é aqui garante do seu renascer. É o sinal de que a atitude dos deuses é destrutiva e construtiva, ao mesmo tempo. Tróia cai, ergue-se Roma ³³. Como acontecerá com Lavínia (7.59-80); também esta recebeu um sinal semelhante, igualmente de duplo alcance: para ela o destino traçava um grande futuro — ser mãe de uma nova civilização que haveria de dominar o mundo. Para a sua nação, a guerra, a ruína. Como no húmus: a terra queimada é mais fecunda para novas sementeiras. Mas o que resta das antigas teve de arder, antes disso.

³³ Cf. B. KNOX, "The Serpent and the Flame: the imagery of the second book of the *Aeneid*", *Virgil*, ed. S. COMMAGER, Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1966, p. 140; K. QUINN, *Virgil's "Aeneid". A critical description*, London, Routledge & Kegan Paul, 1968, p. 55; DI CESARE, 120.

Símbolo de morte e de vida que perpassa ao longo dos versos do livro II é a serpente. Ela condensa em si as ideias de morte e renascimento: na primavera deixa cair as escamas da sua velha pele e veste-se de novo; este ciclo renova-se anualmente, como se todos os anos reaparecesse para uma nova existência³⁴. Assim, as várias imagens da serpente ao longo do livro deixam ficar a promessa de um renascer a partir das cinzas da ruína.

São duas serpentes que, vindas de Ténédos, envolvem em estrangulamento fatal Laocoonte e seus filhos; providencial facto para o desenvolvimento do plano de Sinão e para a vitória grega (2.199 ss.).

Da mesma Ténédos desliza, durante a noite, como uma serpente, o exército grego, enquanto a guarda avançada, saída já do bojo do cavalo, se preparava para lhe franquear as portas da cidade. Desta feita, o poeta não cita directamente o nome do réptil, mas a associação é instintiva (2.250 ss.).

Serpente é também o motivo escolhido para o símile que ilustra o aparecimento de Pirro, avassalador, no centro do palácio real, momentos antes de assassinar Polites e Príamo. O símbolo, neste caso, é sugestivo:

2.471-475 *'qualis ubi in lucem coluber mala gramina pastus,
frigida sub terra tumidum quem bruma tegebat,
nunc, positis nouos exuuiis nitidusque iuuenta,
lubrica conuoluit sublato pectore terga
arduos ad solem, et linguis micat ore trisulcis.'*

«como a serpente surgida à luz, de ervas danosas alimentada, que na frialdade o inverno escondia, inchada, debaixo da terra, e agora, soltos os andrajos, nova e a resplandecer de juventude, de peito altivo, desenrola o seu corpo esguio, voltada para o sol, e vibra na boca a língua tricúspide.»

É certo que pode querer sugerir-se aqui, como diz Knox, o reaparecimento de Aquiles na figura do filho; mas, e ainda na opinião do mesmo autor, o símbolo é mais vasto: representa um processo comum a toda a natureza, o processo de vida, morte, renascimento. No

³⁴ Sobre esta interpretação cf. KNOX, 134-142.

momento fatal da morte de Tróia, consumada simbolicamente no assassinio de Príamo, a imagem da serpente será o retrato da violência dos atacantes, mas também uma vaga promessa de salvação para os vencidos. Esta morte é já parte de um nascimento³⁵.

No final, a perda de Creúsa é outra exigência a cumprir para o nascimento da nova cidade: Creúsa tem de deixar lugar a Lavínia, a mãe da raça que há-de nascer da fusão de sangues. Dido quererá ocupar esse lugar; mas ficará também pelo caminho. Eneias ainda tenta, como Corebo, recuperar a esposa, com risco da própria vida (2.747 ss.). Mas não cairá como aquele. O sacrifício que lhe é exigido é mais amplo, porque mais demorado — terá de morrer ele mesmo, lentamente, um pouco de cada vez, permanecendo vivo.

Longo é o navegar em busca da cidade do futuro. Muitas são as perdas sofridas, penhores de vida reclamados pelos fados. Anquises é um dos mais elevados penhores exigidos a Eneias. Do mesmo modo que Príamo, ele representa a morte do passado troiano, como Dido e Creúsa a morte do passado sentimental³⁶. Ficar-lhe-á somente Ascânio, o futuro, nesta perda de todos os elos que o acorrentavam, perda necessária para que, mais tarde, saia do Hades um homem novo. A morte de Anquises é já um pouco do renascer de Eneias.

Entretanto, em cada perda acrescenta-se a dor. Até à exaustão. A capacidade humana para suportar o sofrimento tem os seus limites, com nome de desespero. E não são os mesmos em todos os mortais. Por isso, quando Íris, no final do livro V, se introduz entre as mulheres troianas e as alicia para o incêndio dos navios, o terreno é propício. O limite estava atingido, as mulheres tinham chegado às fronteiras do desespero. Queimar as naus era uma forma de destruição, portanto também uma certa forma de morte; mas nessa morte residia para elas, naquele momento, a única esperança de vida (5.618 ss.).

Porque era preciso sacrificar alguma coisa. Os jogos tinham fornecido o exemplo — a vitória obtém-se à custa de sacrifício. Euríalo vence na corrida, graças ao sacrifício de Niso; na regata, é à custa do sacrifício de Sergesto que Mnesteu alcança a segunda posição.

Certo é que se não atinge o ponto de perder-se uma vida humana. Um momento há, porém, em que só por um triz essa vítima não existe

³⁵ IDEM, *ibidem*, 137-138.

³⁶ PUTNAM, p. 99.

— o pugilato. O fracasso de Dares poder-lhe-ia ter custado a vida às mãos de Entelo, se Eneias não tivesse ordenado o fim do combate. O próprio vencedor o reconhece:

5.474-476 *'Nate dea, uosque, haec' inquit 'cognoscite, Teucri, et mihi quæ fuerint iuuenali in corpore uires et qua seruetis reuocatum a morte Dareta.'*

«Assim falou: 'Filho de uma deusa e vós, ó Teucros, ficai a saber como eram, no tempo da juventude, as forças deste meu corpo e como acabastes de salvar, depois de o teres chamado da morte, Dares.'»

Reuocatum a morte. Para o confirmar, o vencedor sacrifica o touro conquistado com a vitória, que irá ocupar o lugar destinado a Dares, uma morte a troco de uma vida:

5.483-484 *'Hanc tibi, Eryx, meliorem animam pro morte Daretis persoluo.'*

«Esta alma, que te será mais agradável, ó Erix, em troca da morte de Dares, eu ta sacrifico.»

Mas, por ironia trágica, esse mesmo vencedor, campeão para quem foi aquele o último combate, é abrangido nesta imolação, pois que morre, a partir desse dia, para aquilo que era a sua vida (5.484).

Em todo o caso, nesta obra em que a morte é condição essencial para a progressão do herói, o livro V é o único onde, no duelo entre a vida e a morte, o triunfo é da primeira ³⁷.

Muito elevado é, no entanto, o preço de um tal triunfo. A prová-lo uma nova vítima, já no final do livro, imolada com o sentido claro e preciso de sacrifício — Palinuro.

É certo que a sua morte é pressagiada desde o início do canto, como fez notar Putnam ³⁸:

5.10 *olli caeruleus supra caput astitit imber*

«sobre a sua cabeça se adensava o azul sombrio de uma nuvem.»

³⁷ PUTNAM, 65-87 e 81.

³⁸ *Ibidem*, 70-71.

Palinuro sente o indício, volta-se para o deus do mar em pergunta pressaga:

5.14 *'quidue, pater Neptune, paras?'*

«Que plano, ó pai Neptuno, andas a tramar?»

E as palavras que dirige a Eneias encerram uma triste verdade que só o final do livro dará a conhecer:

5.17-18 *'Magnanime Aenea, non, si mihi Iuppiter auctor
spondeat, hoc sperem Italiam contingere caelo.'*

«Não, magnânimo Eneias; ainda que Júpiter, sob sua responsabilidade, mo affiançasse, eu não esperaria atingir as costas de Itália debaixo de uma tal atmosfera.»

O presságio é confirmado por Neptuno, no fim, em resposta à interpelação de Vénus: Palinuro tem de ser imolado como vítima propiciatória, tem de sucumbir para que os seus atinjam a meta tão porfiada:

5.811-815

'pelle timores.

Tutus, quos optas, portus accedet Auerni.

*Vnus erit tantum amissum quem gurgite quaeres;
unum pro multis dabitur caput.'*

«Afasta de ti esses receios. Em segurança, como desejas, ele há-de chegar aos portos do Averno. Um apenas terá de haver que em vão se buscará, perdido no abismo. Apenas uma vida será dada em troca de muitas, uma só.»

Um sacrifício humano exigido por um deus, a morte como condição de vida. Como o foram, no início do poema, Orontes e os seus, o único barco perdido na tempestade inaugural (1.113-117).

Palinuro é, assim, uma oferenda propiciatória da vida futura. E é também um sacrifício do passado. É que, a partir daqui, o mar já nada significa na existência de Eneias. Com o piloto, morre também essa parte do herói que pertence à viagem, à busca. Precisou dele para enfrentar tempestades, como de Anquises para tomar as decisões. Agora, ele deve morrer para Eneias assumir verdadeiramente o comando,

e isso tem de suceder antes da catábase: para que a personalidade do chefe se clarifique³⁹. Por isso Eneias toma nas suas mãos o leme.

Príamo fora um preço elevado — a terra, o solo pátrio; Palinuro é outro preço — o mar da procura. Daí que o poeta tenha aproximado verbalmente as duas mortes, como fez notar Di Cesare⁴⁰:

5.870-871 *'O nimium caelo et pelago confise sereno,
nudus in ignota, Palinure, iacebis harena.'*

«Ó tu, que em demasia confiaste num céu e num mar de tranquilidade, nu, ó Palinuro, há-de fazer em areal desconhecido.»

2.557-558 *'Iacet ingens litore truncus,
auolsumque umeris caput et sine nomine corpus.'*

«Ali jaz, um tronco enorme, na praia; e, arrancada dos ombros, uma cabeça; e, já sem nome, um corpo.»⁴¹

Neste sentido, e numa outra perspectiva, Palinuro representa a morte dos sentimentos anti-romanos, sacrifício à *Romanitas* que começa a nascer na *Eneida* iliádica; os Romanos eram um povo de terra, não de mar, Palinuro seria, nessa perspectiva, um corpo estranho na Roma nascente⁴².

Na Itália que ali está, na esperança que renasce, uma morte que ali fica. São os caprichos dos deuses — cobram morte pela vida.

É chegado o momento crucial do poema e da viagem; o livro VI é o núcleo central do edifício épico, como a égloga V o era do bucólico. Virgílio tinha de exprimir, na transição do passado para o futuro, o tema da morte e ressurreição, unificador de *Bucólicas* e *Geórgicas*, e adaptá-lo ao *status* do seu herói⁴³. E fá-lo de modo magistral: o Hades é o encontro com a morte e o passado para a preparação da vida e do futuro. «A catábase de Eneias é um esforço para entender, para matar o passado, para renascer para uma vida nova.»⁴⁴

³⁹ Cf. PUTNAM, 97-99; QUINN, 158-159.

⁴⁰ *Op. cit.*, 89.

⁴¹ Tradução de W. M.

⁴² Cf. PUTNAM, 218-219, n. 39.

⁴³ OTIS, 281.

⁴⁴ MEDEIROS, 101.

Eneias irá fazer o seu percurso através do mundo dos mortos para se encontrar, uma última vez, com Anquises; e é ele próprio que vai morrer, para nascer outra vez, pronto para a nova existência que lhe está destinada.

Antes, porém, duas condições lhe são exigidas pela voz da Sibila para que essa viagem possa ser encetada; sem que sejam preenchidas, não haverá catábase: a colheita do ramo de ouro e as cerimónias fúnebres de um companheiro, cuja morte é ainda desconhecida de Eneias — Miseno. Duas condições de certa forma indissociáveis e que são preenchidas em simultâneo, o que levou Segal, com pertinência, a apreciar em conjunto a sua função na narrativa ⁴⁵.

Com efeito, algo que facilmente ressalta à vista é que as referências ao ramo de ouro alternam regularmente com referências à morte e a Miseno:

- Descrição, feita pela Sibila, da morte e do Inferno (6.125-136).
- Primeira descrição do ramo de ouro (136-148).
- Alusão da Sibila à morte de Miseno (149-155).
- Narração da morte de Miseno e preparação para os ritos fúnebres (165-182).
- Prece de Eneias pelo aparecimento do ramo (183-188).
- Lamento de Eneias por Miseno (188-189).
- Aparecimento das pombas; segunda descrição do ramo; sua recolha (190-211).
- Cerimónias fúnebres em honra de Miseno (212-235).
- Entrada nos Infernos (236 ss.).

Esta ordem deixa claro que o ramo e Miseno são o preço pago para que Eneias possa entrar no mundo dos mortos — sem morrer — e regressar dele com vida; a fim de que isso suceda, alguém tem de sucumbir no seu lugar — Miseno — e o herói deve fazer-se acompanhar de um penhor de vida — o ramo.

O ramo de ouro é um símbolo de vida e morte, encerra em si as duas realidades: está situado entre dois mundos, o orgânico e o inor-

⁴⁵ C. P. SEGAL, "*Aeternum per saecula nomen*. The golden bough and the tragedy of history", *Arion* 4 (1965) 617-657 e 5 (1966) 34-72. A interpretação que aqui se segue para ambos os factos — o ramo de ouro e a morte de Miseno — assenta, de um modo geral, nas opiniões expressas nesse trabalho. Por isso se suprimiram as referências e citações de pormenor.

gânico — é de ouro, mas frondoso, é metálico, mas participa da natureza vegetal —; é uma *gemina arbor* ‘uma árvore de dupla natureza’ (6.204). A própria árvore é um símbolo do ciclo morte — renascimento:

6.143-144 ‘*Primo auolso non deficit alter
aureus, et simili frondescit uirga metallo.*’

«Arrancado um, não tarda a suceder-lhe um outro, também de ouro, e o ramo floresce com o metal da mesma natureza.»

É consagrado a Juno ctónica (6.138: *Iunoni infernae dictus sacer*), hostil, destruidora, irracional; deve ser ofertado a uma outra divindade ctónica, Perséfone (6.142): mas é revelado aos olhos do protagonista pelas pombas de Vénus, pela gentileza maternal. Por outro lado, Perséfone, a quem o ramo é levado, era também a fertilidade, isto é, fonte de vida; aliás, o visco-branco, com que é identificado o ramo, era um símbolo dessa mesma fertilidade e como tal era usado pelos que celebravam os mistérios da vida e da morte, nos seus rituais ⁴⁶. Por isso Eneias o tem de colher; como símbolo da morte e da vida levá-lo-á à sua nova existência de fundador de Roma, à vida do povo que lhe sucederá, mas também às mortes que são o preço desse futuro. É deposto momentos antes da entrada no Elísio, ou seja, no momento da transição da morte para a vida, dos condenados para os bem-aventurados, das trevas para a esperança no futuro.

O ramo é, assim, um penhor; e Miseno?

Alternando com o ramo, Miseno parece ser o preço pago por ele. Mas, mais do que isso, é o preço pago pela viagem de Eneias, uma viagem que deveria ser sem regresso. Uma vida tem de perder-se para que o herói, descendo ao Hades, possa de novo voltar à superfície. É a impressão que fica das palavras da Sibila ⁴⁷:

6.149-152 ‘*Praeterea iacet exanimum tibi corpus amici
(heu nescis) totamque incestat funere classem,
dum consulta petis nostroque in limine pendes.
Sedibus hunc refer ante suis et conde sepulcro.*’

⁴⁶ Além de SEGAL, cf. também PERRET, *com. ad loc.*

⁴⁷ QUINN, 164.

«Mais ainda: jaz inanimado o corpo de um dos teus companheiros (pobre de tí, que o ignoras!) e mancha de luto toda a frota, enquanto tu suplicas o oráculo e permaneces dentro das minhas portas. Antes de mais, leva-o para a morada a que tem direito e depõe-no no sepulcro.»

É certo que Miseno morreu porque quis rivalizar com os deuses no uso da trombeta e, por despeito, Tritão matou-o (6.172-173), o que torna a sua morte diferente da de Palinuro. Mas ele transcende a mera culpa pessoal⁴⁸, é também um substituto de toda a casa de Dardânio⁴⁹, isto é, um símbolo daquela parte de Eneias que morre na catábase. Morta e queimada na pira (como a de Dido, como as chamas de Tróia) essa parte que, a partir de agora, tem de abandonar em definitivo, o herói pode percorrer com segurança o caminho que o conduz à posse do futuro, levando nas mãos o penhor da vida na morte, da vida para além da morte. Isso mesmo o indica o enquadramento das cerimónias fúnebres em honra do companheiro (6.212-235); atente-se nos versos que ladeiam esse passo:

6.211 *cunctantem et uatis portat sub tecta Sibyllae.*

«e, a despeito da sua resistência, leva-o [o ramo] para a caverna da profetisa, da Sibila.»

6.236 *His actis propere exsequitur praecepta Sibyllae.*

«Acabadas estas cerimónias, apressa-se a executar o mandado da Sibila.»

Se o ramo de ouro encerra em si, em simbiose perfeita, as duas faces da realidade — a morte e a vida —, Miseno representa uma delas, para que a outra seja alcançada. Com ambas paga Eneias o direito à passagem de uma para a outra, ou, talvez, para uma, pela outra.

Logo de início, um primeiro encontro põe à prova o herói: são monstros terríveis, sombras assustadoras: *Luctus, Curae, Morbi*,

⁴⁸ DI CESARE, 195.

⁴⁹ R. W. CRUTWELL, *Virgil's mind at work*, New York, Cooper Square Publishers, 1969, p. 157.

O caminho continua, agora no Elísio, a luz nas trevas, um túmulo, onde a Tróia morta aguarda a ressurreição e, ao mesmo tempo, um ventre, onde uma Tróia reconvertida aguarda o seu renascer⁵². Aí, cada alma sofre a purgação adequada. O herói romano é mais do que o homem comum, é a alma purificada por completo; ele morreu para renascer, mas não para a vida de impureza anterior, que fica definitivamente sepultada em mil anos de purificação. É um homem inteiramente novo que nasce, sem uma só reminiscência do passado.

A analogia é, uma vez mais, quase instintiva: é o que sucede com Eneias — morrer, sofrer a purificação, renascer como verdadeiro herói romano. Só então ele merece esse nome com que, pela primeira vez, Anquises o interpela:

6.851 *'tu regere imperio populos, Romane, memento'*

«a ti, Romano, compete governar os povos com a tua autoridade, lembra-te bem!»⁵³

São os derradeiros retoques na conversão do herói, agora reforçado na sua *pietas* por mão de Anquises. Conversão demorada, reconheça-se; a preparação vinha de longe: a perda de Creúsa, os erros, a morte do pai, o suicídio de Dido, o incêndio das naus.

Eneias está pronto para voltar ao mundo dos vivos. Fá-lo pela porta dos sonhos, como que a dizer que a experiência não fora inteiramente real. A mesma via que levava à morte de Palinuro conduz Eneias de novo à vida. Sugestão de que o sono, como a morte, constitui a única possibilidade de acesso aos segredos dum mundo inferior, inacessíveis para a consciência plena?⁵⁴ De que a morte, como o sono, mais não é do que a outra face — adormecida — da vida?

À saída, a Sibila, conhecedora do passado e do futuro, dos segredos do mundo dos vivos e do mundo dos mortos, sabe já que em ambos se forja o heroísmo de Eneias. Por isso, também ela desaparece, de súbito, no final do livro, sem que disso se faça menção expressa.

⁵² CRUTWELL, 169.

⁵³ Tradução de W. M.

⁵⁴ OTIS, 304.

A morte trouxe novas certezas, trouxe segurança à vida. A partir daqui, Eneidas fica entregue a si próprio ⁵⁵.

Mais uma vida, porém, é reclamada: Caieta, a ama do herói. Dir-se-ia uma estrutura maduramente pensada: Palinuro, Miseno, Caieta — três mortes exigidas no momento em que se inicia a nova existência. Cada uma representa a parte de Eneias que ali morre: o mar, com Palinuro, o passado heróico, com Miseno, o passado individual, com Caieta, aquilo que faltava perder depois de Anquises. Ficarà apenas Ascânio, numa relação que, sendo paternal, será, acima de tudo, dinástica. E, neste pressuposto, a ama morre em vez da mãe — Vénus — imortal ⁵⁶.

O renascer do herói, todavia, só fica integralmente consumado quando percorre o seu caminho até essa espécie de nascente do rio da vida que é a pequena e simples cidade de Evandro ⁵⁷. Em certa medida, o Tibre é como o Letes do livro VI, cujas águas Eneias não precisou de beber. É a razão por que nascer, no livro VIII, é um conceito fundamental, ao qual se subordina toda a sua imagística ⁵⁸. Nele, as profecias de Anquises, feitas no Elísio, terão a consagração no escudo forjado por Vulcano, a pedido de Vénus; aos olhos de amigos e inimigos, Eneias transportará sobre si mesmo as glórias da civilização que está destinado a fundar, *famamque et fata nepotum* — «a glória e os destinos dos descendentes» (8.731, o último verso do livro). Mas não se fica por aqui. O centro do escudo é ocupado pela batalha de Áccio; ali está Augusto, ali está Agripa, ali está o berço da *pax Romana* ... Mas ali estão também Cleópatra, Marco António. No final do canto, o filho da deusa carrega sobre os ombros a grandeza de Roma — e também os custos que ela envolve ⁵⁹.

Assim, o canto II (morte de Tróia) se opõe, na simetria estrutural do poema, ao canto VIII (perspectiva da construção de Roma, a nova Tróia).

Resta desencadear a guerra, cruel, terrível, mortal para muitos. É o preço da vitória. Na hora das tréguas, na altura em que aos

⁵⁵ PUTNAM, 218, n. 38.

⁵⁶ SEGAL, *Arion* 5 (1966) 57.

⁵⁷ IDEM, *ibidem*, 101.

⁵⁸ IDEM, *ibidem*, 120.

⁵⁹ Sobre uma concepção disfórica do livro VIII, cf. WIESEN, art. cit. na nota 26.

mortos é concedida a sepultura, no meio da multidão de cadáveres assim sacrificados ao futuro, o herói tem disso perfeita consciência:

11.24-26 *'Ite', ait, 'egregias animas, quae sanguine nobis
hanc patriam peperere suo, decorate supremis muneribus'*

«Ide! E as almas notáveis que, com o sangue derramado, alcançaram para nós esta pátria, ornai-as das mais altas oferendas.»

Ao mesmo tempo, no campo adversário, na cidade dos Laurentos, Latino tenta, uma vez mais, a contemporização: Turno ficará vivo e rei do seu povo, terá apenas de desistir da mão de Lavínia; a princesa desposará Eneias; a paz será alcançada (11.302-335). Mas o Rútulo recusa. Ele é a expressão do duelo morte-vida que perpassa em todo o poema. A impressão que fica é sobremaneira trágica; as propostas de Latino, propostas de vida, não logram alcançar o seu objectivo — porque não envolvem mortes. E a vida tem de ser comprada com a morte.

Turno será o último sacrifício no percurso de Eneias, no caminho para a cidade do futuro. No decurso do canto final é essa a ideia que se vai progressivamente afirmando. A intervenção de Latino, logo no início, no decorrer da assembleia dos Laurentos, é já pressaga, muito embora se trate de uma tentativa para salvar a vida do guerreiro, assente na ténue e vã esperança de que ele desista dos seus intentos:

12.38-42 *'Si Turno extincto socios sum adscire paratus,
cur non incolumi potius certamina tollo?
Quid consanguinei Rutuli, quid cetera dicet
Italia, ad mortem si te (Fors dicta refutet!)
prodiderim natam et conubia nostra petentem?'*

«Se, no caso de Turno morrer, estou disposto a aceitá-los [os Troianos] como aliados, porque se não há-de, enquanto ele está incólume, pôr termo aos combates? Que dirão os Rútulos, nossos irmãos de sangue, que dirá o resto da Itália, se à morte (que a Fortuna negue estas palavras!) eu te entregar, a ti que buscavas a mão da minha filha e a minha aliança?»

E o próprio Turno o presente, ao dirigir-se a Amata:

12.74 *'neque enim Turno mora libera mortis.'*

«Não está nas mãos de Turno poder adiar a morte.»

Os versos que se seguem deixam ainda mais claro que, na lógica implacável que comanda o percurso de Eneias, este terá de passar sobre o cadáver do seu adversário para atingir o triunfo. Enquanto o Rútulo, no final da assembleia, tomado pela fúria, só tem palavras de morte e destruição, o chefe troiano preocupa-se apenas com o termo da guerra, com a paz, com a vida e segurança dos seus. Cuidadosamente, o poeta faz contrastar, em versos contíguos, a atitude de um e do outro (12.95-106 e 107-112). Um quer a morte, a guerra; o outro a paz, a vida; este sairá vencedor, aquele terá de pagar o preço desta vitória.

Os retardamentos sucessivos que a acção sofre em seguida, o rompimento do pacto, as várias intervenções de Juno e Juturna, mais não fazem do que ir confirmando aos olhos do leitor que a sorte final só poderá ser uma — o destino de Turno está traçado; e o de Eneias também.

Moratória atrás de moratória, quebra atrás de quebra, o desespero acaba por apoderar-se dos Itálicos. Quando Saces procura Turno após o suicídio de Amata e no momento em que a cidade estava prestes a cair nas mãos dos Troianos e seus aliados, as palavras que lhe dirige são, acima de tudo, um pedido angustiado de que aceite o sacrifício de si próprio para salvação de todos:

12.653 *'Turne, in te suprema salus, miserere tuorum.'*

«Turno, em ti reside a derradeira esperança de salvação; tem compaixão dos teus.»

Palavras dramáticas para quem as diz, para quem as ouve, para quem as lê — e para quem as escreve; sendo certo que os Itálicos tinham já adquirido consciência da desigualdade do duelo, o significado desta mensagem é o de um apelo à imolação: «na tua morte está a nossa possibilidade de vida.»

Turno assim o entende. Dirige-se apressadamente para o fragor da batalha, faz cessar as hostilidades e oferece-se como penhor de paz:

12.693-695 *'Parcite iam, Rutuli, et uos tela inhibite, Latini:
quaecumque est Fortuna, mea est; me uerius unum
pro uobis foedus luere et decernere ferro.'*

«Tréguas, tréguas, ó Rútulos; e vós, suspendei as setas, ó Latinos! Qualquer que seja a Fortuna, é a mim que diz res-

peito; de verdade, é a mim que compete firmar o pacto em vosso nome e decidi-lo à espada.»

Virgílio não leva a sua personagem a afirmar que se oferece como vítima de expiação pelo sacrilégio cometido pelos Latinos na quebra do pacto firmado; o papel que assume neste momento é, como diz Perret, o do capitão que, em pleno naufrágio, se mantém no seu lugar, disposto a ir até onde puder para salvar os seus ⁶⁰. Mas o facto é que a consciência do fim se desenha com cores cada vez mais nítidas; e é voluntariamente que ele assume o seu lugar, pois recusa-se a sobreviver à destruição da parte mais nobre de si mesmo ⁶¹ — a sua honra, que se esvaía na perda de Lavínia, na derrota militar e na fuga a que, vergonhosamente (de acordo com os seus códigos), Juturna o obrigara.

O combate terminará, pois, com a morte de Turno, necessariamente. Ele representa a velha ordem, pertence também ao passado, que tem de cessar. Com a sua morte, dois objectivos serão alcançados: a derrota da Itália, com a consequente subordinação de Itálicos a Troianos, a fusão das raças, que levará à acumulação, num só povo, de poder militar e domínio territorial ⁶².

É o último sacrifício, a última vida reclamada para salvação de muitos. Como Palinuro, cuja morte é evocada nos momentos finais do duelo, quando a ave sinistra de Júpiter adeja diante do chefe rútilo; as palavras de Juturna ecoam as de Palinuro, pronunciadas na altura em que o sono estava prestes a derrubá-lo ⁶³:

5.849 *'mene huic confidere monstro?'*

«É a mim [que tu mandas] confiar em tal prodígio?»

12.874 *'Talin possum me opponere monstro?'*

«Porventura sou eu capaz de enfrentar um tal prodígio?»

⁶⁰ PERRET, *com. ad loc.*

⁶¹ BÜCHNER, 490.

⁶² PUTNAM, 196.

⁶³ IDEM, *ibidem*, 198.

Turno poderia ser poupado; está prostrado, vencido, incapaz de resistir a Eneias, vitorioso, que o calca a seus pés:

12.936-938 *'Vicisti et uictum tendere palmas
Ausonii uidere; tua est Lauinia coniunx.
Vlterius ne tende odiis.'*

«Venceste, e o vencido os Ausónios o viram a estender as mãos suplicantes. Lavínia é tua esposa. Não leves mais longe o teu ódio.»

É o pedido final. Mas, para proporcionar um futuro verdadeiro, Turno tem de ser sacrificado. Como Tróia, como Dido e Creúsa, como Camila, como ... Como, de alguma forma, o próprio Eneias.

12.951-952 *ast illi soluontur frigore membra
uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras.*

«e logo aquele corpo se regela e desfaz; e a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o reino das sombras.»⁶⁴

Assim termina o poema. Em morte. Talvez também em esperança de vida, amarga, que tão alto tributo paga. Aos Romanos repugnava o sacrifício humano; mas muitos homens foram sacrificados para que houvesse Roma. Assim o poeta sentiu as dolorosas contradições da condição humana.

4. UM RAIOS DE ESPERANÇA

Fata uiam inuenient (10.113)

Terminam em morte as três obras virgilianas: as *Bucólicas*, na morte do ideal arcádico, traído pela paixão de Galo; as *Geórgicas*, na morte de Orfeu, perdida definitivamente Eurídice; a *Eneida*, na morte de Turno. brutalmente assassinado por Eneias, acometido pelas

⁶⁴ Tradução de W. M.

Fúrias. E, no entanto, os três poemas assentam num ciclo morte-renascimento: a apoteose de César, na *Bucólica* V, a ressurreição da Itália, nas *Geórgicas*, as profecias do futuro de Roma, na *Eneida*. Contradição? Ou será que este ciclo se repete até ao infinito, assumindo antes a configuração, de final trágico, morte-vida-morte? Será possível a esperança?

Poderá dizer-se que as contradições se atenuam quando notamos que o optimismo e o pessimismo virgilianos se não exercem sobre os mesmos objectos: o primeiro refere-se à ordem universal, o segundo ao nível individual, das civilizações, das comunidades históricas (desde que não seja a romana). Poderá afirmar-se que, tal como os filósofos, o poeta restringe o seu entusiasmo à ordem do mundo e que é nessa perspectiva que se afirma o seu optimismo quanto a Roma — porque faz parte da ordem universal⁶⁵. Poderá argumentar-se tudo isso, mas não fica atenuado o negrume final dos três poemas.

No que à *Eneida* diz respeito, as cores negativas avultam claramente; ela é a história de um triunfo, mas é também a história dos elevados custos desse triunfo. Será que algo, o que quer que seja, vale tantas mortes? Eneias parece não aceitar. Virgílio deixa-nos na dúvida; o seu gesto antes de morrer — querer destruir o poema — representa, pelo menos, isso mesmo: a dúvida.

Por isso, o final de morte na epopeia. A vida esvaiu-se *indignata*; com um protesto. Porque não é fatal que a morte arraste a morte; alguém tem de quebrar a cadeia da destruição. Eneias não foi capaz, não soube alicerçar na vida a civilização nascente; fundou-a, antes, no ódio, na morte.

É certo que já nas *Geórgicas* Virgílio tinha prenunciado um final deste género:

Georg. 4.88-90 *Verum, ubi ductores acie reuocaberis ambo,
deterior qui uisus, eum, ne prodigus obsit,
dede neci: melior uacua sine regnet in aula.*

«Mas quando tiveres feito regressar [à colmeia] os dois comandantes do exército, aquele que te parecer menos bom, manda-o matar, para se não transformar num parasita; deixa que o melhor reine sozinho na sua corte.»

⁶⁵ Cf. PERRET, 355-356.

É o que se passa com Turno, no final da *Eneida*. Ele tem de ser sacrificado, porque é o pior; e os sacrifícios não são absurdos, têm uma utilidade cósmica⁶⁶. É o sentido trágico da história humana: «o poema da construção da *pax Romana* termina com um acto brutal de violência. Mas, se o herói falhou, o poeta não falhou: a tragédia da *Eneida* não é apenas um símbolo da tragédia da história romana — mas da vida dos homens em geral.»⁶⁷

No entanto, neste percurso pessimista, onde parece caminhar-se irremediavelmente para o abismo, algumas luzes de esperança brilham aos nossos olhos; são fochos na escuridão, empunhados, regra geral, pelos deuses, os garantes de que há uma saída. Vénus, aparentemente desesperada em relação à sorte do seu filho, dirige-se ao pai dos deuses e senhor supremo, logo no canto inaugural:

1.234-239 *'Certe hinc Romanos olim uoluentibus annis,
hinc fore ductores, reuocato a sanguine Teucri,
qui mare, qui terras omnis dicione tenerent,
pollicitus: quae te, genitor, sententia uertit?
Hoc equidem occasum Troiae tristisque ruinas
solabar fatis contraria fata rependens.'*

«Era uma certeza: daqui, no volver dos anos, deviam nascer, um dia, os Romanos, deviam nascer os governantes que, a partir do sangue do Teucro chamado de novo à vida, haveriam de dominar o mar, haveriam de dominar toda a terra com seu poder; assim havias prometido. Que razões, ó pai, te levaram a alterar essa decisão? É que, da morte de Tróia e das suas tristes ruínas, costumava eu consolar-me com a evocação de fados contrários a estes fados.»

Vénus costumava consolar-se da desgraça troiana com a lembrança das prometidas glórias romanas. Era, na morte, a semente de vida, de esperança. Mas os acontecimentos presentes faziam-na vacilar.

⁶⁶ PERRET, 359.

⁶⁷ MEDEIROS, 93.

E quando os deuses vacilam, que não será de esperar dos homens?
Júpiter logo tranquiliza a deusa:

1.263-264 *'bellum ingens geret Italia populosque ferocis
contundet moresque uiris et moenia ponet'*

«'<Eneias> enorme guerra há-de conduzir em Itália, povos ferozes há-de aniquilar e para os seus homens há-de estabelecer instituições e muralhas.'»

E, logo a seguir:

1.278-279 *'His ego nec metas rerum nec tempora pono:
imperium sine fine dedi.'*

«'A este povo eu não imponho limites de espaço nem de tempo. Concedi-lhe um império sem fim.'»

Desta forma,

1.286 *'Nascetur pulchra Troianus origine Caesar'*

«'Há-de nascer, de uma bela raça, um troiano, César.'»

Só nessa altura chegará o momento de pôr fim à guerra:

1.291 *'Aspera tum positis mitescent saecula bellis'*

«'Então a aspereza dos séculos há-de suavizar-se com a cessação das guerras.'»

Por fim:

1.293-296 *'dirae ferro et compagibus artis
claudentur Belli portae; Furor impius intus
saeua sedens super arma et centum uinctus aenis
post tergum nodis fremet horridus ore cruento.'*

«'Sinistras, hão-de ser encerradas as portas da guerra com ferro e cadeias apertadas; lá dentro, o Furor ímpio, sentado por sobre as armas cruéis e <de mãos> atadas atrás das costas por

cem nós de bronze, há-de soltar horrendos rugidos da sua boca sangrenta.'»

Morto e com lugar no Elísio, no paraíso dos bem-aventurados, Anquises goza deste mesmo privilégio de poder mostrar o futuro. É a ele que cabe revelar ao filho as glórias da sua descendência. Também aqui a crença num futuro para além do presente de morte e destruição brilha com alguma intensidade. As palavras são claras:

6.851-853 *'tu regere imperio populos, Romane, memento
(hae tibi erunt artes), pacique imponere morem,
parcere subiectis et debellare superbos.'*

«Tu, Romano, deves governar os povos com a tua autoridade, lembra-te bem (estas hão-de ser as tuas artes), e estabelecer normas para a paz, respeitar os que se submetem e abater os soberbos.'»⁶⁸

Marcelo, porém, é a sombra nesta promessa de glória. Nem mesmo aqui a garantia da felicidade plena. A dor tem o seu lugar na bem-aventurança.

As exigências de Juno, no final, contrabalançam, todavia, o optimismo que pode ser encontrado nestas fugazes visões de luz. Haverá Lácio, reis albanos, poderio romano. Mas Tróia morreu. Júpiter assim concede, para desespero de quem pudesse ainda acreditar na sobrevivência, ao menos, de um simulacro do que Eneias tanto amava:

12.833 *'do quod uis, et me uictusque uolensque remitto.'*

«eu te concedo o que pretendes e, vencido e de vontade, me submeto.'»

Dir-se-ia o golpe supremo nas aspirações de Eneias, se é que as tinha ainda. No final, fica dele a imagem de violência, de fúria cega e insana, fica do poema uma imagem de morte e destruição. A imagem, talvez, que Virgílio adquiriu da vida ao longo dos anos.

A tradição conta que o poeta terá feito os possíveis para que este seu poema fosse destruído. Pelo final? Pelo herói que o não é?

⁶⁸ Tradução de W. M.

Pelo pessimismo que revela? Talvez pelo receio de que os vindouros não conseguissem apreender a mensagem que deixou: a vida tem o seu reverso — a morte. A glória tem o seu preço — a dor. O futuro tem o seu passado — infeliz.

Pessimista? Talvez. Mas Eneias sabia que haveria de morrer sem ver edificada a cidade do futuro, a Roma gloriosa que viu profetizada. Sabia, mas lutou, lutou até ao fim; com dores, com reveses, com crimes. Mas lutou. E resistiu. A vida não tinha sentido sem essa crença no futuro, a que muitos chamam esperança.

Augusto não deixou destruir o poema. Ficou a morte, Eneias vergonhosamente vencedor, calcando aos pés um cadáver inerte, trespassado pela sua espada. Ficou-nos também um doloroso retrato da vida humana, tenuemente iluminado por um raio de esperança. A que o homem teima em apegar-se.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ